

# GPS

## gente pontoserpro

A gente se encontra aqui!

### E AÍ, TEM JOGO?

Colegas de várias regionais são adeptos de jogos de tabuleiro modernos



Revista Interna Nº 33 - 2015

• **ZEN NO MEIO DO STRESS**  
“Conversas com um Yogue Urbano”  
é título de livro lançado pelo colega

• **ENCONTRO DE GERAÇÕES**  
Primeira década de 2000 teve  
entrada maciça de concursados

• **DO JARDIM BOTÂNICO  
AO JARDIM DAS FRUTAS**  
Regional carioca “mora” ao lado de  
reserva, Belém se farta da  
diversidade amazônica

• **EM GRANDE ESTILO**  
Um álbum para guardar: a “Festa  
dos Pinados” em cada uma das  
regionais

# HOMO LUDENS

*Novos jogos de tabuleiro tem grande apelo entre profissionais do Serpro*

Comecemos pelas regras. Jogo, para ser jogo, precisa preencher algumas condições: ser atividade voluntária; exercida em tempo e espaço determinados; segundo regras livremente consentidas, porém obrigatórias; possuindo fim em si mesmo; proporcionando tensão e alguma forma de divertimento; e configurando-se como um escape da vida cotidiana – mesmo que a ela faça referência.

Sim, é claro que alguém pode ser levado a participar de um jogo contra a vontade. E a gamificação está aí para provar que a atividade pode estar a serviço até mesmo de processos empresariais. Mas não se pode negar que a definição acima, cunhada por Johan Huizinga, captou os elementos essenciais da ocupação que até hoje é pretexto para que as pessoas convivam mais.

Em Homo ludens: o jogo como elemento da cultura, o autor faz uma defesa da atividade ancestral de se reunir amistosamente para “brincar de ver quem ganha”. E esses mesmos sentimentos transbordam das falas de nossos entrevistados no Serpro, todos habituais jogadores com alguma reflexão sobre o assunto.

## Mais estratégia, menos sorteio

Quem cresceu jogando War e Banco Imobiliário encontra uma proposta diferente nos jogos de tabuleiro atuais. Eles privilegiam a estratégia, diminuindo o peso do fator sorte; destacam os designers games, mais que a empresa que fabrica o jogo, e tem uma mecânica que permite que todos os jogadores participem da atividade até o final, em vez de eliminar quem perde no decorrer das partidas. Dessa forma, adultos encontram neles uma boa oportunidade de socializar de maneira leve, com um fio condutor natural das atividades.

Os entrevistados relatam que, um pouco pelo alto custo com que os jogos chegavam, um pouco pela pura curtição de se reunir, formaram-se grandes comunidades de jogadores nas principais cidades brasileiras, que às vezes se reúnem em eventos com mais de cem participantes. Cada um leva as caixas que tem, e vários grupos de quatro a seis pessoas jogam simultaneamente. Colegas do Serpro relataram que frequentam esses eventos. No outro extremo, reportamos também o caso de um serpriano em Porto Alegre que cultiva a introspecção necessária para criar seus próprios jogos. Confira. ■

"A existência do jogo é inegável. É possível negar, se se quiser, quase todas as abstrações: a justiça, a beleza, o bem, Deus. É possível negar-se a seriedade, mas não o jogo."

*J. Huizinga*



## PARA SOCIALIZAR

*Belo Horizonte*

"Regras elegantes, design elaborado e a própria atitude dos jogadores são as principais diferenças desses novos design games para os antigos jogos de tabuleiro dos nossos pais", define **Rodrigo Urquiza** (em primeiro plano), analista da UniSerpro.

Rodrigo diz que as partidas são rápidas e diretas, duram cerca de meia hora e, quase sempre, têm um final bem definido, com a vitória de um jogador ou grupo de jogadores. "São jogos pensados para a socialização, tendo em vista o rodízio entre os convidados de uma festa ou encontro social", afirma. Os títulos possuem mecânicas variadas e podem incluir tanto a cooperação quanto a traição como estratégias de vitória. O colega ressalta que está ocorrendo uma explosão do gênero, com jogos financiados pela própria comunidade de jogadores. "Apesar de todas as opções disponíveis em entretenimento digital, esta é uma era de ouro para os jogos de tabuleiro", analisa.



## “COME E JOGA”

Brasília

Um grupo de mais de 100 pessoas se reúne em um salão de festas e, aos poucos, vai se subdividindo em vários grupos de 4 a 6 pessoas. A comida fica à disposição, cada núcleo se envolve em um jogo, e facilmente se vira uma noite no “Come e Joga”, evento organizado pelo grupo Heavy Games Brasília, HGB. Quem conta, na condição de participante, é **Denis Marcio Menezes de Oliveira**, (mais à esquerda) com colegas da Sunfj.

Foi por volta de 2012 que o colega conheceu o Catan, um dos clássicos dos jogos modernos. Ele e a esposa começaram a jogar toda semana com outro casal de amigos, e do Catan, migraram para outros jogos. O passatempo virou um hobby que hoje está incorporado à convivência com amigos do Serpro, familiares e com outros aficionados por tabuleiros. Para Denis, é natural que pessoas que passam muito tempo trabalhando com computadores usufruam de jogos que privilegiam interação presencial. “É uma pausa em que a gente se permite voltar para o mundo analógico”, brinca.

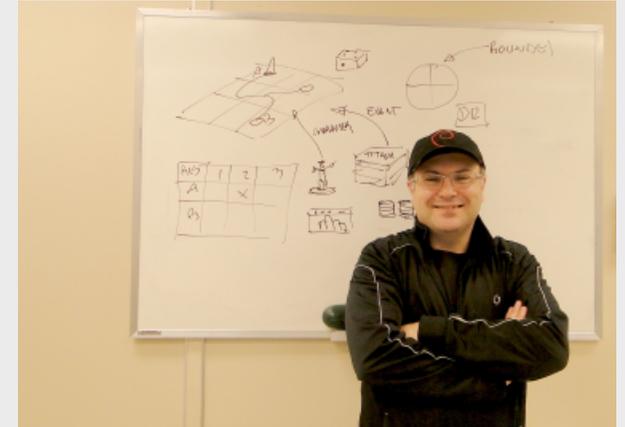


## NA HORA DO ALMOÇO

Fortaleza

Citadels, 7 Wonders, Dominion, Bang!, A Guerra dos Tronos: talvez esses jogos não sejam familiares para você. Mas para **Marcelo da Rocha, Fagner de Oliveira**, e outros sete colegas da Supde em Fortaleza, eles são grandes companheiros. “Há um ano, apresentei o primeiro para o pessoal, e passamos a jogar aqui de segunda a sexta, no horário de almoço”, diz Marcelo, conhecido como Gibi (último à direita). “Nos reunimos em nossas casas também. E o especial dos encontros são as pessoas mesmo”, concorda Fagner (primeiro à esquerda).

Eles contam que tem opções para todos os gostos e bolsos, desde jogos que custam R\$ 15 até os de R\$ 150, ou mais. E reforçam que tabuleiros e cartas são coisa de quem gosta de se divertir e criar. “Já adaptamos regras dos jogos. Já pegamos conjunto de cartas criado por fã, e traduzimos, editamos e imprimimos”, cita Fagner. “Os jogos são abertos para vários perfis. Joga-se sozinho, em família ou amigos. Se outros colegas da regional quiserem participar, a gente traz mais jogos”, convida.



## UM JOGO PRA CHAMAR DE SEU

Porto Alegre

“Criar um jogo é parecido com escrever um livro. De vez em quando flui, mas às vezes você tem de parar para obter inspiração. Sempre é necessário substituir uma ideia, ou adaptá-la. Outras pessoas podem dar feedbacks, mas um dia você tem de definir um ponto de corte e dizer: 'está pronto' - caso contrário não acaba nunca”, define **Gerson Tessler**, da Supde, que cria jogos há cerca de dez anos. Para ele, tanto a criação quanto o ato de jogar são instigantes principalmente pelo desafio intelectual e pela possibilidade de ampliar a convivência.

Entusiasta de jogos desde os nove anos, Tessler já nem sabe dizer o que o encantou nas primeiras experiências. Das lembranças mais interessantes sobre a criação, figura a vez em que um amigo dedicou um fim de semana todo a um jogo criado por Tessler até que achou uma “estratégia dominante”, um jeito de ganhar sempre. “Se a estratégia dominante tem apenas um modo, então o jogo precisa ser alterado, porque passa a ser um simples quebra-cabeças”, acrescenta.



## A CADA JOGO, UMA ESTRATÉGIA

Rio de Janeiro

**Roger Paixão** (à direita), analista da Supde, é outro que destaca que o diferencial dos jogos modernos é a interação que eles proporcionam. “Não há como usar sempre a mesma estratégia e ter sempre o mesmo vitorioso. Cada jogo acontece de uma maneira”, assegura. Roger já criava seus próprios jogos antes de serem lançados no Brasil. Hoje, o analista da Supde coleciona mais de 100 jogos e transformou sua casa em um ponto de encontro para os aficionados. “Toda quarta-feira à noite reúno os amigos para jogar. E a cada quinze dias organizamos um ‘viradão’ no final de semana”, relata Roger.

Há uma grande variedade de jogos e perfis de jogadores. **Hervan Batista**, (à esquerda), também analista da Supde, trocou aos poucos o videogame pelo tabuleiro em razão da mecânica mais inovadora e se tornou fã do gênero desde 2010. “Há mais liberdade nos acontecimentos e a criatividade fica mais em evidência, o que torna o jogo mais interessante”, afirma o também analista da Supde.



## “JOGAAÊ”

Salvador

**Heron da Cruz**, (à esquerda, de óculos), sempre se interessou por games de forma geral. Mas foi na época de faculdade que o anlista da Supde se encantou pelos jogos de tabuleiro modernos. Começou com o Colonizadores de Catan e participou de uma comunidade em Salvador que se reunia para jogar. Lá conheceu outros jogos e o que até era apenas uma diversão, virou um hobby.

Com outros amigos que conheceu nesse antigo grupo, já extinto, Heron criou a “Jogaaê”, uma comunidade que se reúne todo último sábado de cada mês para jogar e conhecer novos jogos. Segundo ele existem diferenças entre os jogos americanos e alemães. “Enquanto os jogos americanos tendem a adotar o conceito de conflito direto, por exemplo, abordando guerras, os jogos europeus, principalmente alemães, falam muito sobre o desenvolvimento de cidades, fábricas, comércio, Idade Média”, explica.



## É IMPOSSÍVEL ESCOLHER UM SÓ

São Paulo

“**Fábio Ribeiro** (à esquerda) possui mais de 50 jogos, e **Tomaz Alvarez**, (à direita), em torno de 15. Os dois colegas jogam partidas com frequência semanal. Quando questionados sobre qual seria o preferido eles fizeram um momento de silêncio seguido por boas risadas. Ficou claro o quanto seria difícil selecionar um só. Diversos nomes surgiram na tentativa de eleger o tal preferido: Legendary, Sentinels of the Multiverse, Dixit e outros tantos.

Muitos nomes depois, eis que surge um jogo em comum: Star Trek Fleet Captains. Para Fábio, o mais bacana é o tema e mecânica do jogo, e a ideia de explorar o espaço. Já Tomaz gosta da sensação de estar na série e dos acontecimentos inusitados que o jogo proporciona, como naves invisíveis voando no tabuleiro. “A vantagem do tabuleiro em relação a um jogo de computador é a interação social, você acaba se encontrando com seus amigos pessoalmente”, diz Tomaz.

## PROGRAMANDO-SE PARA VIVER BEM

*Analista de sistemas, Thadeu Martins conciliou a carreira no Serpro com a prática aprofundada de Yoga*

Thadeu Martins já praticava yoga desde a época em que cursava engenharia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no final da década de 60. Em 1975 entrou no Serpro, no cargo de analista de sistemas, e em 1983 ocupava função gerencial. Nessa época, tomou a decisão de se afastar do emprego para ir estudar no The Yoga Institute, um dos mais tradicionais centros indianos de práticas orientais.

Na Índia, conviveu durante um ano com o brâmane Shri Yovendra, formando-se instrutor. “Estudar sob a orientação da família do fundador, e com ele próprio, além de atuar como instrutor daquele ashram histórico, foi muito mais do que eu poderia querer”, avalia Thadeu.

De volta ao Brasil, em 1984, reingressou no Serpro, no mesmo cargo. Continuou atuando em vários projetos na empresa e destaca que os conhecimentos da yoga fizeram toda a diferença tanto para o enfrentamento dos desafios quanto para o sucesso das iniciativas. E foi a partir de uma série de reflexões nesse sentido que desenvolveu o conteúdo para escrever o livro “Conversas com um Yogue Urbano”, publicado em 2014.

### Agir e se observar agindo

“Ser um yogue urbano significa colocar em prática a habilidade de ser dois em um. É ser a pessoa que age e

ao mesmo tempo a pessoa que se observa agindo, dentro da metrópole, com toda sua complexidade e realidade de caótica de trânsito intenso, barulho, poluição e violência”, filosofa.

Na visão de Thadeu, a yoga pode ajudar as pessoas a alinharem o pensar, o fazer e o sentir, sem exigir o afastamento da realidade. Ao contrário, ressalta, “O cotidiano costuma ser a matéria-prima de minhas aulas”. Os encontros que organiza começam com uma palestra conceitual sobre um tema do cotidiano, seguidas dos exercícios de yoga e de meditação e relaxamento. O resultado é o equilíbrio interno, que ajuda a manter o foco no que realmente interessa, diminuindo o estresse.

### Aluna serpiana

O livro de Thadeu reúne 100 palestras proferidas. A ideia surgiu a partir da iniciativa de um de seus alunos, o jornalista Ricardo Borges, que passou a gravar essas conversas introdutórias, transcrevê-las e publicá-las no site [yogaclassico.com](http://yogaclassico.com). “Em 2013, após me aposentar, veio a vontade de reuni-los como um livro de reflexões, para oferecer o relato não de yogues recolhidos num lugar distante, isolados do mundo, e sim de yogues urbanos que, como eu, vivem no turbilhão das metrópoles.

Thadeu ministra aulas de yoga nas manhãs de sábado, no Jardim Botânico de Brasília, há nove anos. Vivianne Veras, colega do Serpro e adepta das aulas, já conhecia a yoga, “mas da forma como ele faz, nunca vi”, admirase. “No meu caso, ajudou muito para enfrentar a insônia e melhorou minha qualidade de vida”, afirma, ressal-



**Interessado em aprofundar o assunto?  
Obtenha mais informações no site**

<http://yogueurbano.com.br/>



Ex-empregado lançou o livro “Conversas com um Yogue Urbano” e ministra aulas todo sábado no Jardim Botânico, em Brasília

tando que para ter benefícios não basta participar dos encontros, “É preciso aplicar o que você aprende no dia a dia”, completa.

### Três verbos essenciais

Thadeu Martins defende que a prática da yoga pode ser sintetizada em três verbos: comportar-se, de um modo a não ser excluído socialmente; respirar, que é o principal processo fisiológico; de forma profunda, silenciosa e ritmada; e “ser quem você é”, buscando autenticidade. Para colocar esses verbos em prática é preciso disciplina e desapego, condição que a meditação ajuda a alcançar. “Pode-se dizer que meditar é se dedicar a recolher a atividade mental e refletir sobre a prática desses três verbos: comportar-se, respirar e ser quem se é”, resume.

## SABERES MISTURADOS

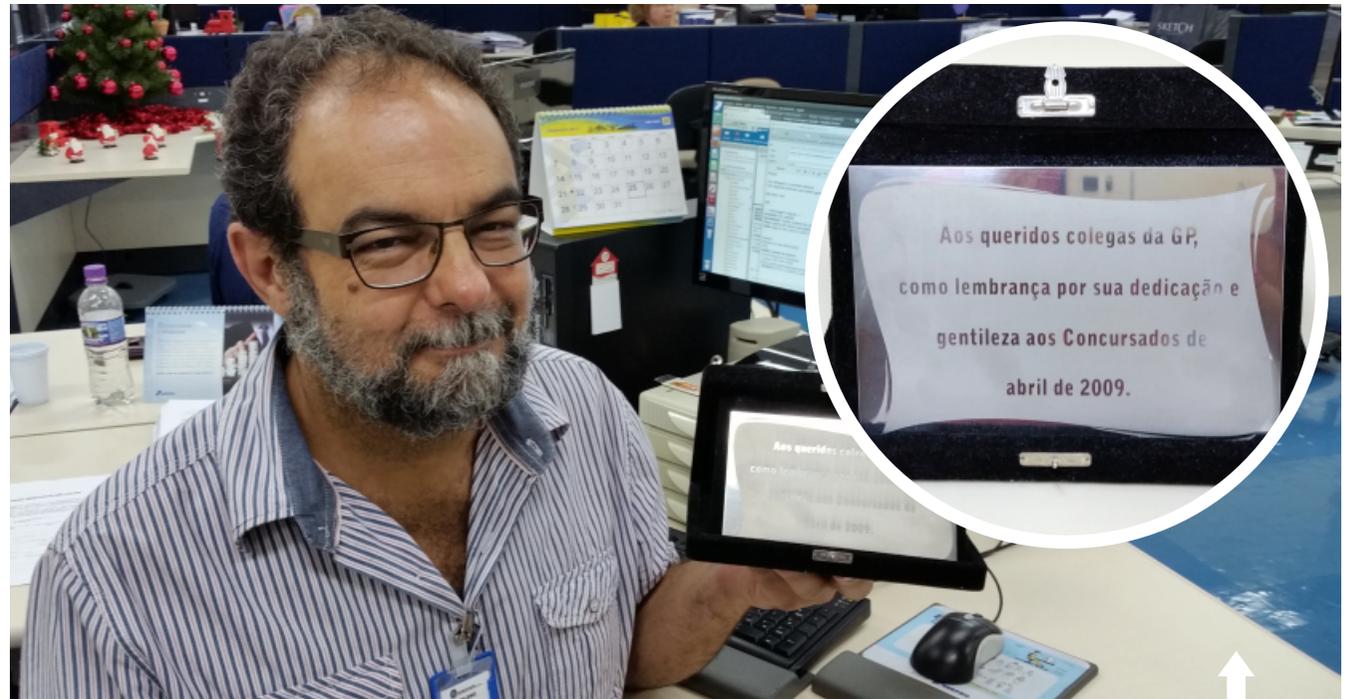
*Desafio da década foi harmonizar convivência entre recém-chegados e profissionais com mais tempo de casa*

Era uma tarde de abril de 2009, quando um presente inusitado chegou às mãos de cada integrante da Gestão de Pessoas de Belo Horizonte: uma caixa de doces de leite. Logo depois, o gerente Heleno do Carmo de Souza recebia uma placa de prata gravada com agradecimentos, em nome da equipe. A carinhosa homenagem foi motivada pela satisfação das 30 pessoas que ingressaram no Serpro naquele período e se sentiram especialmente bem recebidas, relembra a analista Luana Cristina Varejão, da Supde belo-horizontina.

“Foi tudo descontraído, tivemos várias reuniões para ter noções do trabalho, da empresa. A gente se entrosou bem com os colegas. Conhecemos a regional e chegamos a visitar o teto do prédio com o pessoal da Logística, algo que jamais faríamos se não fosse numa situação dessas”, relembra a analista.

Esse retrato de ambientação bem-sucedida ilustra um aspecto que o Serpro vive intensamente de 2004 até hoje: o encontro entre gerações. Um dos grandes desafios que a empresa encarou foi a integração entre as pessoas com muito tempo de casa e um contingente crescente de concursados que foi se incorporando ao quadro funcional.

“O Serpro passou muitos anos sem contratar. Mas a partir de 2004, a contratação de pessoas foi numa linha crescente, e isso foi interessante porque apontou que o



Heleno recebe placa de agradecimento, em nome da equipe Supgp

governo traçava um novo rumo para a empresa”, relembra Heleno, em entrevista concedida um dia antes de se aposentar, deixando o Serpro após 35 anos de serviços prestados.

### “Mistura” positiva

Antes da era dos concursos, a dinâmica de contratações era outra: o Serpro admitia as pessoas com testes mais diversificados e formava sua mão de obra à medida que as necessidades se apresentavam, conforme reportamos em diversas edições anteriores desta GPS. “Era comum que as pessoas fossem admitidas para exercer

funções básicas e depois se tornassem especialistas, mudando de área internamente. O Serpro, até então, formava profissionais às vezes a partir do conhecimento básico em tecnologia, área que também estava em transição acelerada. A empresa chegava a construir equipamentos, providenciando tudo para que houvesse condição de atender aos clientes”, relembra o gerente.

“Hoje isso mudou”, aponta Heleno. “As pessoas chegam já com formação, devido aos requisitos de ingresso via concurso. Muda substancialmente a forma de se relacionar, e a empresa viveu o impacto, nem sempre



Ricardo Telemberg, Ana Lúcia Carvalho, Ricardo Bahia e Luiz Moreto: equipe organizou ConSerpro em sucessivas edições

positivo, do encontro entre “antigos” e “novos”. Mas o tempo provou que isso foi apenas uma fase, necessária ao processo de renovação. Hoje a “mistura” se dá de forma mais positiva. As pessoas que chegam são rapidamente incorporadas.

Para Márcia Brandão, da UniSerpro Belém, a nova leva de concursados trouxe o desafio de conservar talentos na empresa. “Numa época anterior, conseguir um emprego era pra vida toda. Hoje, cada um já traz uma expectativa maior em relação a desafios e também em relação à autonomia. A empresa tinha uma hierarquia mais rígida, era cada um em seu cubículo; hoje a pró-

pria disposição dos ambientes mudou, é tudo aberto, o que também propicia uma integração maior”, destaca a colega da UniSerpro.

### Escolaridade maior e teletrabalho

A concorrência presente nos concursos públicos também acentua outra característica da nova geração: o nível de escolaridade de ingresso é cada vez mais elevado. Quem aponta esse aspecto é Luiz Edmundo Alves Moreto, da UniSerpro, que participa da organização do ConSerpro (Congresso Serpro de Tecnologia e Gestão aplicadas a Serviços Públicos), desde que o evento foi criado.

“De 2007 para cá, noto que cada vez mais são recém-contratados os que mais enviam trabalhos para o congresso. Isso porque temos cada vez mais gente que já entra na empresa com mestrado, doutorado, até pós-doutorado. Pessoas com bagagem acadêmica e acostumadas a fazer pesquisa”, avalia Moreto.

É o caso de Luciana Brassolati, que atua hoje na Supgs, em São Paulo. Luciana entrou na empresa em 2005, aos 34 anos. Ao chegar ao Serpro, já havia feito mestrado, ministrado aulas em universidades particulares e públicas e trabalhado em multinacionais. Inicialmente da área de desenvolvimento, migrou para a área de Gestão de Serviços e hoje é uma das pessoas que trabalham remotamente, como teletrabalhadora, outra característica da década atual. O primeiro edital de teletrabalho foi aberto em 2005 no Serpro. “Minha produtividade e, principalmente, criatividade, aumentaram nesse período em que trabalho em casa”, diz Luciana.

### Especialização contínua

Se, por um lado, as pessoas já chegam com maior nível de conhecimento formal, de outro o Serpro também se alinha às necessidades contemporâneas oferecendo incentivo para que empregadas e empregados continuem a estudar – e as pessoas aceitam, sim, o desafio de continuar se autoaprimorando. Lucas Alberto Santos, da Ceago em Porto Alegre, faz parte desse perfil. Já graduado, migrou para o Sul devido a uma oportunidade de continuar estudos em mestrado. Recentemente assumiu um cargo de chefia em 2014, ainda durante o período em que participava de uma pós-graduação interna, oferecida pelo Serpro em parceria com a Universidade de Brasília.

“Participar da pós foi uma experiência muito rica de aprendizado, não só científico, mas também de rela-

ções pessoais e para entender melhor como é que funciona a empresa. Foi fundamental para me ajudar a assumir essa tarefa nova de gestor”, relata. “Acho muito importante que a empresa tenha programas de capacitação do corpo funcional. Se a empresa quer ser mesmo inovadora, tem que seguir essa linha”, enfatiza.

Outro participante do mesmo curso de pós-graduação, Jean Marcel Weber, da Supgf de Porto Alegre, destaca que a realização de aulas, em um curso itinerante, proporcionou a visita a cada uma das onze regionais do Serpro. A metodologia foi decisiva para compreender melhor os desafios da empresa. “O convívio com colegas oriundos das mais diversas áreas da empresa engrandeceu ainda mais todo o processo de amadurecimento profissional e pessoal”, avalia.

### Conhecimentos complementares

Heleno de Souza, de Belo Horizonte, Márcia Brandão, de Belém, e Luiz Moreto, do Rio, são os três colegas com mais tempo de casa entrevistados nesta reportagem. Todos se mostram entusiasmados, até pelo envolvimento com a área de desenvolvimento de pessoal, em perceber que a nova geração chega “mais estudada” na empresa. E também comemoram outras mudanças que caracterizam a era atual, como a hierarquia menos rígida ou a permissão de os homens trabalharem vestindo bermuda. “Antigamente, mulheres na área de informática deviam ser uns 5%, hoje você vê muitas em cargo de chefia, uma conquista importante”, exemplifica Moreto.

Por outro lado, os três entrevistados também enfatizam aspectos do Serpro “de ontem”, que são bastante positivos. “Ouvir as pessoas mais antigas também é importante. Às vezes a pessoa nova tem muito conhecimento teórico. Mas quem tem mais tempo de casa sabe mais dos sistemas, do cliente, do próprio funcionamento da empresa. São dois tipos de conhecimentos, que tem que andar juntos”, resume Moreto. Márcia Brandão concorda e destaca outro aspecto: “O desapego, o estar de passagem, pode ser bom ou ruim. Numa época anterior, entrar no Serpro era decidir o emprego de toda uma vida. Hoje, não. Então, cabe à empresa conquistar as pessoas que estão chegando, e criar um ambiente que propicie oportunidade de realização para todos”. Sem dúvida, um desafio que continuará valendo durante as próximas décadas. ■



Lucas (em pé), durante aula de pós-graduação: preparo para a função de gestor



Márcia (de rosa), com colegas de trabalho: empresa também tem papel de cativar quem trabalha nela

## TRADIÇÃO RENOVADA

*No aniversário de 50 anos, Serpro homenageou empregados e empregadas com novidades, mas a intensidade emocional foi a de sempre*

A cerimônia nacional de 2014, ao contrário dos outros anos, foi transmitida a partir do Rio de Janeiro, mas por um motivo especial: foi a cidade onde tudo começou há 50 anos. Com participação do diretor-presidente, Marcos Mazoni, e do diretor de administração, Antônio João Parera, a festividade deslocou-se para o ponto geográfico onde o Serpro deu seus primeiros passos.

A empresa que fez 50 anos evocou molduras em hashtags, rememorou uma história pontuada de conquistas tecnológicas, empenhou-se em produzir eventos marcantes em todas as regionais, mas manteve-se tradicional em um ponto: a alta voltagem emocional de comemorar, 10, 20, 30, 35 anos de casa de empregadas e empregados que constroem o Serpro no dia a dia. Confira o registro histórico das comemorações em cada localidade. ■



### REGIONAL BELÉM

Reconhecida por ser uma regional festiva, a comemoração dos 50 anos em Belém não poderia ser diferente. Com muito entusiasmo, empregadas e empregados celebraram o aniversário do Serpro e homenagearam os 97 colegas que completaram 10, 25, 30 e 35 anos de serviço. Houve apresentação do coral da regional, do grupo Gamboa, além de um delicioso bufê com comidinhas paraenses; uma atração à parte. Fátima Menezes, homenageada por ocasião dos 35 anos de serviço, se disse emocionada com o reconhecimento. "Pra mim, ser homenageada dessa forma é motivo de muito orgulho. Senti-me lisonjeada em ser reconhecida pela empresa", conta.



## REGIONAL BELO HORIZONTE

O aniversário era do Serpro e os homenageados eram os empregados, mas quem deu o tom da festa foi a boa música. Na manhã do dia 2 de dezembro, o evento que celebrou os 50 anos da empresa e entregou os tradicionais pinos comemorativos foi marcado pela excelente apresentação do Coral Ases/MG, que encantou a todos com canções de Natal e populares. A harmonia teve sequência com a Orquestra Jovem da Fundação Monique Leclercq, de São Domingos do Prata/MG, que veio a Belo Horizonte especialmente para homenagear o Serpro, parceiro na montagem de um telecentro comunitário na entidade. A festa foi encerrada com um bolo, oferecido pela Ases/MG.



## REGIONAL BRASÍLIA E SEDE

No auditório da Sede do Serpro, 160 empregados participaram da cerimônia. O diretor-presidente, Marcos Mazoni, fez questão de participar e “pinar” esses profissionais, que, segundo ele, são os verdadeiros responsáveis pelo passado, presente e futuro do Serpro. Já o diretor de Negócios, Robinson Margato, destacou a genialidade e o comprometimento do corpo funcional. “Nosso patrimônio intelectual contribuiu para que a empresa se tornasse cinquentenária. Nossa equipe é responsável pelo desenvolvimento das soluções tecnológicas que contribuiram para a modernização de serviços essenciais do Estado”, disse Robinson.

A cerimônia na regional aconteceu no dia 4 de dezembro, quando os distintivos foram entregues a 140 empregados na presença do presidente, diretores e superintendentes. Ao final das cerimônias, a Ases, associação dos empregados do Serpro no Distrito Federal, brindou a empresa e as pessoas homenageadas com um coquetel acompanhado de bolo comemorativo.



## REGIONAL CURITIBA

No Paraná, 72 empregados foram homenageados com distintivos, logo após a comemoração nacional. A já tradicional cerimônia no auditório da regional contou com a presença de empregados que trabalham dentro do Serpro ou junto aos clientes, com significativa presença daqueles que completaram 30 anos ou mais de casa.



## REGIONAL FLORIANÓPOLIS

Em Santa Catarina, dois empregados saíram cedo de Joinville para chegar a tempo de receberem a homenagem na “ilha da magia”, como é chamada a capital. A moldura para fotos nas redes sociais foi um sucesso. Após a cerimônia, homenageados e participantes fizeram fila para deixarem sua marca nos 50 anos do Serpro. A mais nova das regionais registrou homenagem a Valmir, Elisabete, Osimar, Eduardo e Sônia, destacados na primeira foto em sentido horário.



## REGIONAL FORTALEZA

Na capital do Ceará, a comemoração dos 50 anos do Serpro foi animada. Teve, primeiramente, a tradicional entrega dos distintivos para mais de 50 colegas que participaram da cerimônia local. Cada um deles foi homenageado pelo gerente da área, e por amigos do trabalho ou familiares que foram seus “padrinhos” e “madrinhas”. A solenidade seguiu com a formalidade que o evento pedia, mas houve também muita emoção e descontração. Teve até pedidos da plateia para que casais de homenageados se beijassem no momento da entrega dos pinos. Os casais entraram na brincadeira e atenderam aos pedidos da plateia. O dia de festa terminou com bolo, demais comes e bebes e bastante música, na quadra da Ases. O som ficou por conta da banda FCT, formada por empregados e muito querida na regional, e ainda com direito a canjas de colegas presentes.



## REGIONAL PORTO ALEGRE

Na capital gaúcha, presenças ilustres abrilhantaram a festa: o primeiro empregado registrado na regional, Cebaldo Jesus Rodrigues, e o primeiro superintendente local, Ênio Conturci, participaram das comemorações. A banda municipal de Porto Alegre executou um repertório que foi dos hinos tradicionais a Hermeto Paschoal, passando por vários clássicos de MPB. Também de Música Popular Brasileira foi a apresentação de Érico Santos, cantor profissional que, no Serpro, presta serviços na área de transporte. O coro do Instituto Popular de Arte-Educação, IPDAE, trouxe vozes de crianças e jovens para comemorar o aniversário do Serpro. Uma exposição de fotos históricas no saguão completou o rol de atividades comemorativas.



## REGIONAL RECIFE

Na capital pernambucana, a emoção dominou a cerimônia. Auditório lotado, empregados e empregadas se emocionaram com a solenidade. Orlando Martins Catarino, que completou 45 anos de serviços na empresa, recebeu uma homenagem especial: plantou uma árvore no jardim da Regional Recife, com direito a placa e discurso. Outro momento que contagiou a plateia foi quando a empregada Maria Lara Paixão de Santa Clara recebeu seu distintivo de 35 anos e mal conseguiu agradecer, já que a emoção se traduziu em festivas lágrimas que escorriam em seu rosto. Ao final, não faltou a tradicional foto de "coral", que nos últimos anos têm marcado o encontro de empregados que estreitam os laços porque chegaram no mesmo ano e muitos, coincidentemente, no mesmo dia. No destaque, a turma que comemorou dez anos de dedicação ao Serpro.



## REGIONAL RIO DE JANEIRO

Além dos colegas pinados, com 10, 20, 30 e 35 anos de empresa, a regional carioca prestou homenagem especial a Gilda Maria da Graça Santos, da Supde.

Gilda, para quem não a conhece, é a mulher com mais tempo de atividade no Serpro: entrou em 1967. Acumula ainda o pioneirismo na revista GPS: estreou a primeira edição, em 2010, quando comemorou conosco seus 43 anos de trabalho. À tarde, no prédio do Andaraí, tudo acabou em samba. Os empregados de todos os endereços da regional puderam acompanhar um show com a participação da velha guarda da Mangueira e do cantor Nelson Sargento, que mostrou disposição invejável do alto dos seus 90 anos. O show foi possível graças ao Programa Serpro Cultural, que funciona a partir de leis municipais de incentivo fiscal.



## REGIONAL SALVADOR

A celebração da amizade foi uma das marcas da festa dos 50 anos do Serpro e dos homenageados pelo tempo de casa na Regional Salvador. Sempre sorridentes, Maria Isabela Cardoso e Elaine Araújo, ambas da área de Desenvolvimento, comemoraram 10 anos de empresa e demonstraram a satisfação de fazer do ambiente de trabalho um bom lugar para se fazer amizades.

Já Sílvia Campos, Gilma Sandes e Gerciene Guimarães, PSEs da Receita Federal, demonstravam alegria evidente. Comemorando 35 anos de casa, Sílvia resumiu o momento em poucas palavras. "Quem não veio, não sabe o que perdeu."



## REGIONAL SÃO PAULO

Juntando o pessoal dos prédios de Socorro e da Luz, foram 80 os homenageados que participaram de cerimônia bem-humorada, com direito a plaquinhas com hashtags divertidas e a presença do Diretor de Relacionamento com Clientes, Robinson Margato, que por vezes fez a plateia cair na risada. Entre um pino e outro, houve sorteio de livros, kits de escritório, pen drives e de um quadro feito em grafite durante o evento cultural do hip hop no ConSerpro. Receberam homenagens, também, as pessoas destacadas no apoio à realização desse Congresso, realizado em São Paulo neste ano. Para finalizar, confraternização com bolo no Jardim de Inverno.



## SERPRO VERDE

*Rio, São Paulo, Curitiba, Brasília e Belém também oferecem fartas doses de ambiência natural*

Trabalhar em prédio vizinho ao Jardim Botânico é certeza de contar com uma moldura bucólica no dia a dia. Mas o cenário do Rio de Janeiro não para nisso: sua exuberância cantada em verso e prosa oferece muito verde também no prédio do Andaraí, de tal forma que não há serpiana ou serpiano que possa esquecer da natureza nos períodos de folga que pontuam o expediente.

Mas a exuberância também é o adjetivo que melhor qualifica a fartura frutífera do jardim da regional Belém. Não há visitante atento ao jardim que saia de lá sem experimentar um jambo recém-colhido ou outra fruta amazônica tão colorida quanto.

Já em São Paulo a arborização é ajuda fundamental para descansar a vista desafiada pela multi-informação de uma metrópole. Enquanto que em Curitiba, conhecida pelo alto percentual de verde por habitante, a regional de arquitetura arrojada só faz evidenciar a singeleza de jardins espalhados com bom gosto pela área construída. Conheça ou relembre essas áreas verdes do Serpro e consulte, se ainda não o fez, o registro de áreas verdes das regionais Belo Horizonte, Salvador, Recife, Porto Alegre e Fortaleza que foram retratadas na edição anterior da GPS. Dividimos a matéria por duas edições porque, afinal, se tem algo que belos jardins merecem são espaços adequados. Confira.

### No Rio de Janeiro, dois prédios cercados de verde

Situado dentro da área de preservação e mapeamento do Jardim Botânico, o prédio do Horto mantém em seu jardim a imponência da região. Além de uma seringueira no principal corredor de entrada, palmeiras e amendoeiras centenárias compõem a sua grande área verde. Árvores frutíferas também estão por todo lado, como bananaeira, pitangueira, mangueira e jaqueira.

A palavra-chave que orienta o trabalho nessa área verde é preservação. O jardineiro Carlos Vitor explica: “Tudo o que podemos aproveitar com a poda das árvores é colocado no nosso próprio sementário para o reaproveitamento e a preservação das espécies. Nada se perde”. Há uma grande diversidade de espécies catalogadas pelo



Rio de Janeiro  
Andaraí



Rio de Janeiro  
Horto



Brasília  
Sede



Regional  
São Paulo

Jardim Botânico que fazem parte da história da cidade e transformam a Regional em uma vasta área de contato com a natureza.

Já no prédio do Andaraí, o destaque é o colorido das flores. Por ser uma região aberta, com muita exposição solar, favorece o plantio de flores durante todo ano e algumas com cores exuberantes. O projeto de paisagismo implementado desde a inauguração do prédio, em 2010, vem sendo aprimorado a cada ano. Com a valorização do jardim, moradores do entorno, animados com o novo colorido da região, fizeram doações de algumas mudas de pau-brasil, ipê-roxo e nolina. Essa última, popularmente chamada de pata de elefante devido ao seu formato dilatado na base do caule, chama a atenção de quem passa.

### Em Brasília, árvores de todo tipo

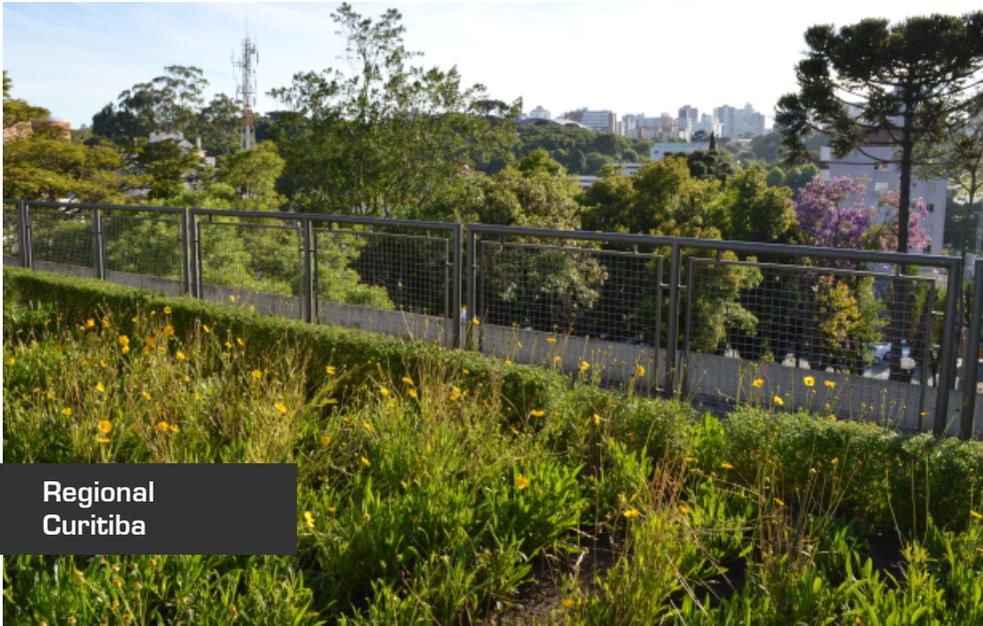
O diferencial verde do Serpro em Brasília é a diversidade de árvores frutíferas e ornamentais. Na Regional, jaboticabeiras cultivadas em vasos se juntam a seriguelas, jamelões, goiabeira, jambo e palmeiras arecas, phoenix e latânias. Já a lista da sede é mais extensa: mangueiras, jambeiros, jaqueiras, laranjeiras, limoeiros, goiabeiras, seriguelas e abacateiros convivendo com ipês-amarelos e branco, sucupira, ingazeiro, pau de balsa, pau-ferro, espatódea, sibipiruna, angico, salgueiro, flamboyant, quaresmeira, tamboril, mutamba e as palmeiras imperial, real, carpentaria, cariota e areca.

Na Sede, o cultivo de orquídeas nos troncos das árvores, dão um ar exótico ao jardim. Não há cuidados especiais, só a rega diária. A manutenção dos jardins é feita diariamente por seis jardineiros que fazem a poda e adubação quando necessário.

### Em São Paulo, um grande pândano se destaca

Uma grande variedade de árvores é encontrada nos 15.967m<sup>2</sup> de área verde da regional São Paulo. Muitas delas foram plantadas em edições da Semana do Meio Ambiente e dão frutos saborosos, como: romã, carambola, goiaba, pitanga, amora, acerola, banana e jaboticaba. O jardim atrai muitos pássaros que tornam as caminhadas ainda mais agradáveis quando estão cantando.

O destaque, porém fica por conta de uma árvore tropical, semelhante a uma palmeira, e com características muito particulares se comparadas às da grande maioria existente na regional. O pândano possui raízes aéreas que emergem diretamente do caule para uma maior sustentação já que pode chegar a atingir 10 metros de altura.



Regional  
Curitiba



Regional  
Belém

É uma árvore de aparência vistosa, com folhas longas e achatadas como espadas. Adaptou-se bem ao clima muitas vezes frio e seco de São Paulo, bem diferente do ideal que seria o quente e úmido.

### **Em Curitiba, o jardim resiste ao “faça sol ou faça chuva”**

Os desafios de se cultivar um jardim em Curitiba são muitos, e dizem respeito principalmente ao clima da capital paranaense: quando não são os já tradicionais frio e geada do inverno que oferecem um desafio, são as eventuais ondas de calor e o sol, que quando aparece tem seus efeitos potencializados pela altitude de cerca de mil metros da cidade. Mas ainda assim a regional paranaense do Serpro conseguiu belos resultados.

Com os cuidados da área de Logística e da equipe de empregados terceirizados responsáveis pela manutenção predial, são plantados lírios, orquídeas, espirradeiras e outras flores que pontuam os canteiros da regional, que contam também com árvores tradicionais como as araucárias típicas da região, e os paus-brasil, que durante a primavera florescem com seus cachos amarelos.

### **Em Belém, jardim rima com fruta**

Tem caju, tem jambo, tem biribá: o jardim da regional Belém é generoso na diversidade de árvores frutíferas. Distribuído por uma área de 8000 m<sup>2</sup> com plantas ornamentais e espécies nativas doadas pelos empregados, o espaço é uma atração à parte. O clima da capital paraense favorece o desenvolvimento das plantas e a variedade de frutas impressiona os visitantes, que aproveitam o intervalo dos cursos de treinamento ou das reuniões de trabalho para se deliciarem com frutos fresquinhos.

Os cuidados ficam a cargo da equipe de jardinagem, liderada pelo Adriano Cardoso, seu integrante mais solícito, sempre disposto a colher algo no pé para as visitas. “Cuido desse jardim há tempos. Pra mim é uma satisfação ver que as pessoas gostam dele”, enfatiza. ■

